



EDIÇÃO DA «LUCTA»

O
NATURALISMO

EM

LITTERATURA

POR

Sylvio Romero

S. PAULO.

TYPOGRAPHIA DA PROVINCIA DE SÃO PAULO

53 Rua da Imperatriz 53

1882

ADVERTENCIA

Quando, ha quatorze annos, comecéi a escrever na imprensa, umas tantas idéas, que são hoje mais ou menos correntes entre nós, eram verdadeiras novidades... Tenho o direito de dizer que contribui para espalhar-as, este direito foi-me outorgado por meus proprios adversarios com os seus ataques, com os seus insultos, com a sua grita desordenada e infrene.

Não é de balde que se é atacado, repellido, vilipendiado, e, pelo que me toca, estou sempre disposto a reclamar o meu quinhão de insultos, de motejos, de descomposturas...

E' um facto assentado que a ultima phase litteraria contemporanea, o *romantismo*, está de todo decadente no Brasil. Pois bem; ninguém mais do que eu tem aqui o dever de exultar por este facto; ninguém mais do que eu atacou entre nós o ro-

mantismo. Na *Crença, Movimento, Americano, Trabalho, Jornal do Recife, Correio Pernambucano* e outras folhas do norte de 69 a 76, constante e pertinazmente ataquei a velha doutrina, a favor da intuição naturalista e científica, em litteratura. Parte dos artigos de então foram reunidos no livro *A Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*. Minha reacção anti-romantica é, pois, um facto evidente, documentado, positivo, que não poderá ser negado por meus inimigos da Corte, por mais que se esbofem para conseguil-o.

Ha alguma cousa mais cruel do que a injustiça; é a ingratição; ha alguma cousa mais detestavel do que a insufficiencia presumpçosa, é a mentira lettrada.

Em 1869 escrevi a monographia—*A Poesia Contemporanea e sua intuição naturalista*, que não sahi em volume; mas circulou pelo norte, im-

pressa nos jornaes de Pernambuco.—Então, alguns dos grandes mestres, que hoje pretendem dar-me lições aqui na Córte, ainda não tinham talvez sahido das primeiras lettras... Mas nada ha n'isto de essencialmente singular ; foi sempre esta a marcha dos phenomenos litterarios.—Espiritos pécos e vadios, d'esses que incumbem os outros de pensar para elles, acabam por appropriar-se do trabalho alheio e volverem-no contra os seus legitimos propugnadores.

Em 69—70 as idéas politicas, litterarias e philosophicas em todo Brasil eram o prolongamento alagadiço e lamoso da lamuria romantica em todas as suas manifestações banaes. Reagiu-se contra isso, e, posso dizel-o sem presumpção, porque o digo por necessidade, fui dos primeiros na lição. Si não me faço defender por alguns volume

impressos, é que a publicação de um livro é entre nós um acto de heroismo que poucas vezes me tenho sentido disposto a praticar.—Este preambulo, que, n'outro meio, seria um *hors d'œuvre*, por encerrar factos notorios e de vulgar noticia, torna-se uma necessidade para mim, para quem, como eu, teve a desventura de desagradar a meio mundo, velhos e rapazes...

Depois que o signal de alarma foi dado na *Revista Brasileira* pelos srs. Machado de Assis e Herculano Bandeira—o fogo tem rompido em todas as linhas.—O ataque tem sido dirigido com habilidade; mas a minha pertinacia biliosa faz-me crêr que ainda não tropecei e cahi... Por isso, de longe em longe, gesto de olhar para os lados e fallar aos assaltantes...

Uma vez por todas:—não pretendo agradar a ninguem, si esse agrado, si essa camaradagem é

a troca da indispensabilidade que sinto de fallar a verdade.

Não sou, não quero, não posso ser adversario da *nova geração*; sou, posso e devo ser inimigo da *affectação*, do plagiato, do pedantismo, da vacuidade adverbial e adjectivada de alguns folhetineiros da Côrte. Eis tudo.

Si é crime, morrerei impenitente, ainda que esquecido e vilipendiado.

SYLVIO ROMÉRO.

NATURALISMO EM LITTERATURA (1)



I

Quaesquer que sejam as dissonancias que se possam notar entre os diversos systemas contemporaneos, que têm feito a guerra ao romantismo para lhe tomarem o logar ; quaesquer que sejam as differenças entre Gottschall e Swinburne, Sully-Prudhomme e Maurice Bouchor, Zola e Daudet, Coppée e Richepin, todas estas maneiras de encarar a arte e a litteratura pisam um terreno commum ; diversificam-se apenas em alguns pontos accessorios e podem abrigar-se sob a bandeira do *naturalismo*. Esta palavra exprime mais nitidamente a feição geral da litteratura contemporanea do que o termo *realismo*. Este não é a antithese do systema classico, ou do romantico. Si houve classicos idealistas como Tasso, tambem os houve realistas como Camões. Si houve romanticos idealistas como Schiller tam-

(1) *Œuvres Critiques* d'Emile Zola—1879—1881.

bem os houve realistas como Goethe. Realismo é o opposto de idealismo. O naturalismo é o contrario da intuição phantastica, do romanticismo aereo, morbido, inconsistente, hysterico. Entre os naturalistas, entretanto, póde n'um predominar a impressão subjectiva e idealista, como em Sully-Prudhomme, ou a objectiva, como em François Coppée.

D'entre todos os sectarios do naturalismo, o mais celebre, o mais popular é sem contestação o autor de *Nana*. Tres circumstancias contribuíram especialmente para isto : — a nitidez de seu espirito logico e lucido que o levou a tirar as ultimas consequencias do systema ; a fibra batalhadora de seu temperamento que o levou a accentuar na critica as novas doutrinas ; — a forma que escolheu para suas produções, a mais em harmonia com os gostos do tempo — o romance.

A tudo isto accresce e sobrepuja o talento do autor, que é um dos mais consummados pinturistas da lingua franceza, quero dizer de todas as linguas; porque nenhuma tem como essa uma tão distincta pleiade de artistas da palavra. Em 1869, quando escrevi *A Poesia Contemporanea e sua intuição naturalista*, Zola era desconhecido por mim e pelo publico brasileiro; mais tarde li alguns de seus romances, e mais tarde ainda realizei o estudo de seus trabalhos criticos, todos de data recente.

Confesso que poucos livros me têm agradado tanto como as obras de critica do pintor do *Ventre de Paris* Claresa, segurança de vistas, independencia e elevação de juizo — são os dotes dos artigos litterarios de Zola. D'estes trabalhos é que me proponho fallar agora ; o critico me occupará de preferencia e o romancista só accidentalmente.

Duas preocupações capitaes emanam das paginas do insigne escriptor:—enterrar definitivamente o romantismo e erguer sobre a immensa ruina uma nova intuição da litteratura e da arte. E' tarefa tentada por trinta modos diversos por outros tantos escriptores e chefes de escola. Si Zola me parece não estar em tudo com a verdade, quasi sempre attinge o alvo e mostra-se munido de razão.

Meu ponto de vista é um pouco differente, não resta a menor duvida; nem eu o escondo, antes o proclamo em altos brados. Não quero pensar pelo cerebro de Zola; prefiro pensar pelo meu; mas noto que os dous modos de julgar têm muitos pontos de contacto, influencia das grandes correntes do pensamento contemporaneo. Vejamol-o por miúdo.

A mais impertinente objecção opposta ao romancista de Médan é a velha lamuria da immoralidade de seus quadros. Embalde o critico tem provado que a tendencia do naturalismo, seu methodo e designios consistem pura e especialmente no abandono das creações aereas, despidas de verdade e oriundas da phantasia desregrada. Embalde tem elle mostrado *ad oculos* que a nova intuição visa transportar para o romance e para a arte em geral os methodos de observação, os processos analyticos proprios para surprehênder o homem no desenvolvimento normal de suas paixões. Embalde ha insistido em que a obra litteraria não deve ser um accervo de mentiras, mas um conjuncto de documentos humanos tomados ao vivo. Embalde tem sempre indicado, que o fim da arte não é emendar ou corrigir, sinão estudar e commentar. Embalde, finalmente, tem declarado que, si escolheu para seus romances a analyse de certos vicios e chagas sociaes, é isto simplesmente

por ser da gente que o cerca o lado que elle mais conhece, ficando o campo livre a outros que de-sejem estudar o meio parisiense por outras faces. Sempre e sempre a critica leviana e superficial tem passado por sobre tão cathgoricas affirmações para glosar o velho mote da *immoralidade* !....

Deixemol-a em seu emperramento.

Nos livros criticos do romancista do *Assomoir* ha cem passagens, que desfazem esse abusão; é só tomar quem quizer o trabalho de os lêr. Limi-to-me a lembrar a pagina em que o escriptor razoavelmente censura João Richepin por *affectar* uma impudicia falsa e calculada:—«Le poète s'y affirme comme un réaliste audacieux, qui ne mâche pas les mots crus, et qui appelle les choses laides par leurs noms. Certains morceaux sont même entièrement écrits en argot. Je dois dire que sont ceux qui me plaisent le moins. Il me semble que M. Richepin fait un effort trop visible pour s'encanailler. Quand on peint le peuple, il faut surtout de la bonhomie.» (1) E' visivel que Zola condemna o canalhismo litterario, a affectação de vicios, que são falsos e que se atiram ao publico atraz do effeito. O trecho é instructivo, e eu chamo para elle a attenção de alguns realistas brasileiros que jogam nas paginas dos jornaes uma giria grosseira, falsa e fatua na sua pretenciosidade de naturalismo. Antes de tudo a verdade, a logica, o bom senso e o talento. Zola tem razão quando escreve: « Dans le mouvement naturaliste qui s'opère, on prend trop souvent l'audace pour la vérité. Une note crue n'est pas quand même une note vraie.» (2)

(1) *Documents Littéraires*, pag. 187 e 188.

(2) *Idem, Ibid.*

Afastada a censura idiota lançada á litteratura contemporanea por quem não se dá ao trabalho de a estudar em seus melhores documentos, encaremos o *zolaismo* mais de perto, em suas ideias capitais.

Antes de tudo sae dos factos litterarios por si mesma a grande verdade de que o creador dos *Rougon-Macquart*, não representa por si só todo o movimento contemporaneo nem na critica, nem no romance. Zola não é o creador da intuição nova n'essas duas esphas.

Na critica foi antecedido por Sainte Beuve, Scherer e Taine; no romance por Balzac, Stendhal, Duranty, Flaubert, os Goncourt e Daudet.

O patriarcha de Médan é o continuador d'estes illustres predecessores. O seu talento descriptivo no romance e a sua energia na critica chamaram sobre elle a attenção. Zola não é, porém, um secretario vulgar; trouxe para o seio da doutrina vistas proprias, que affirmam com força a sua individualidade. Entre ellas destacam-se a ideia que o romancista faz da critica, o seu conceito da litteratura, a sua doutrina sobre a arte.

E' justamente ali que pretendo assestar minhas observações.

Nos seus livros de analyse litteraria, ao leitor que os percorre, si elle tem a cultura indispensavel para os julgar, no meio de muita cousa boa, uma circumstancia anomala desperta, desde logo a attenção:—é o ponto de vista limitado, exclusivamente francez do escriptor.

E' para impressionar a *aisance* com que o auctor do *Ventre de Paris* discorre sobre romance e romancistas, poesia e poetas, drama e dramatas, critica e criticos, enxergando sómente os seus vizinhos francezes, como si elles estivessem em

terreno conquistado ou tivessem ali dito a primeira e a ultima palavra !...

Sei que seus artigos foram escriptos para uma revista de S. Petersburgo, no intuito de dar ao publico do grande imperio do norte uma noticia do movimento litterario da Franca.

Mas não se limitou o critico ao seu papel de noticiariista :—elle tentou a sua arte em ponto grande, á moderna, com o seu encadeamento de causas e effeitos; fez analyses e classificações ; fallou das correntes litterarias do tempo ; determinou a origem e a evolução das escolas; luctou braço á braço com o romantismo ; embrenhou-se na concepção naturalista de nossos dias e tinha, portanto, o dever de indicar as influencias estrangeiras que a Franca tem experimentado em tudo isto.

E' o que faria Taine; é o que faria Scherer. Falar do romantismo francez e não mostrar suas relações com o romantismo allemão e inglez, é traçar um quadro historico mutilado; é não dar-se conta exacta dos phenomenos litterarios; é expor-se a falsear a origem e o encadeamento dos factos. Na poesia e no romance a lacuna não é tanto para sentir-se ; no que se refere á critica é de todo extravagante e nociva.

N'este sentido os artigos sobre *Sainte-Beuve* e —*La Critique Contemporaine* são typicos; são insignes de falseamento e injustiça. E' este o primeiro reparo que se póde fazer a Zola : — a sua ideia sobre a natureza e o desenvolvimento da critica européa é incompleta e estreita.

Mais artista do que pensador, mais preoccupado com os seus romances do que com a sciencia, Zola, por sua vida e por sua educação, pelas qualidades de seu espirito e pelas circumstancias que o têm cercado, não possui a necessaria cultura historica e philosophica para manejar a critica em

altura igual a Julian Schmidt, Hermann Hettner, Taine ou Scherer.

Não ha duvida que o seu bom senso e o seu grande talento o collocam mesmo n'aquella esphera em posição elevada; mas é só isto.

Quanto ao mais, dista immenso d'aquelles insignes mestres.

Para Zola a critica é na Europa uma filha de Sainte-Beuve; foi este que a gerou; porque foi elle que a afastou da rhetorica e do palavreado inutil. Sainte-Beuve, porem, era ainda demasiado amigo da cultura antiga e, por isso, cometteu o immenso crime de não comprehender a Balzac. Esta grande fortuna coube a Taine que, d'est'arte, é o genuino creador da critica scientifica. Entretanto, ouçamos o proprio Taine : «A historia acha-se transformada ha *cem annos na Allemanha*, ha sessenta annos na França, e isto pelo estudo das *litteraturas*». São as primeiras palavras da *Historia da Litteratura Inglesa*. Taine, com a instrucção que Zola não possúe, tem a noção clara das origens da critica moderna. Sabe que ella partiu da Allemanha, a datar de Lessing.

A critica moderna não é a antiga critica litteraria; é uma disciplina scientifica que se applica a todas as manifestações da humanidade. Seu dominio não é a litteratura em sentido restricto, a belletristica em linguagem allemã :— a poesia, o romance e o drama. Seu dominio é a totalidade das créações da intelligencia humana. Seu methodo é o historico-comparativo e por isso ella chama-se a critica historica. A sua mais vigorosa applicação na Allemanha foi ás linguas, ás mythologias e ás religiões. D'ahi sahiram as tres sciencias inteiramente novas :—a linguistica, a critica religiosa, e a mythographia. Foi tambem desde Lessing e Herder applicada ás litteraturas. Desde en-

tão morreu o *voltairianismo*, suprema incarnação da critica franceza do seculo passado, para a qual as litteraturas e as religiões eram jogos do espirito ou as machinações da velhacaria. Desde Lessing começou-se a divisar nas producções humanas o desenvolvimento normal das aptidões psychologicas, as energias latentes das raças. Uma obra d'arte foi encaráda como o coefficiente de um estado emocional sincero e espontaneo e não como um capricho do acaso. Estava designada a lei da evolução, do desenvolvimento, *Entwicklung*, como dizem os allemães. Sainte-Beuve ainda *natus non erat*. Quando elle appareceu os processos criticos já eram uma realidade scientifica na Europa. O autor da *Historia de Porto-Real* não appareceu por milagre; elle estava em harmonia com o momento historico em que se desenvolveu. Occupa um grande logar na critica hodierna pela habilidade com que pintava a vida psychologica dos auctores que submettia á sua analyse; pela ductilidade e comprehensibilidade de seu espirito; mas os seis principaes elementos da critica eram já uma realidade na época de seu apparecimento e ainda mais se desenvolveram depois d'elle. Estes seis elementos são: a *mesologia* em que Gervinus, Buckle e Curtius foram mais eximios do que o critico francez; a *ethnologia* em que Herder, Thicrry e Renan o excederam; a *physiologia* em que Taine e o proprio Zola levam-lhe vantagem; a *psychologia*, que o auctor das *Causeries du Lundi* exerceu com bastante tacto, e onde Hermann Hettner e Karl-Frenzel o iguallam; as *correntes e influencias historicas* que Macaulay e Villemain foram sempre habéis em indicar, e, finalmente, o *juulgamento scientifico*, *ultimo e definitivo*, que ninguem formúla melhor do que Edmond Scherer e Julian Schmidt. Com

estes dados estudam-se os povos e os individuos, determinando nos primeiros a natureza de suas instituições e nos segundos a indole de suas creações. Mas para tanto é necessario possuir-se uma philosophia ampla e segura, e é o que faltava a Sainte-Beuve. E' tambem o que falta a Zola e por isso como criticos Taine e Scherer o excedem demasiado. No artigo que o auctor de *Nana* consagrou aos criticos hodiernos não se nos depara o nome de Scherer e ha flagrante injustiça para com Taine. Entretanto Edmond Scherer é o legitimo successor de Sainte-Beuve, a quem sobrepuja em vastidão de cultura e segurança de vistas. Os seus estudos sobre Hegel, Maurice de Guerin, Sismondi, M^{me}. Roland e Goethe são modelos quasi inexcediveis do genero.

Ninguem o sobrepuja na exposição das doutrinas e na pintura dos caracteres.

Quanto ao illustre auctor da *Historia da Literatura Inglesa*, não ha muito Zola lhe tecia os maiores elogios. Taine, porém, não o tendo applaudido no mesmo tom em que applaudiu Balzac e Stendhal, o romancista, atacou-o vivamente.—«Si M. Taine vivait de notre vie, je crois qu'il n'accepterait jamais le rôle compromettant de tenir un drapeau. Il n'est point dans son tempérement de se compromettre, il refusera toujours de se prononcer nettement en faveur de quelque chose ou de quelqu'un.» (1)

Eis aqui o que é fallar com franqueza; mas tambem o que é fallar com injustiça e cegueira. Si alguem contribuiu em França para matar o velho romantismo e espalhar o naturalismo,—esse alguem é Taine com seus trabalhos historicos, litte-

(1) *Documents littéraires*, pag. 339.

rarios e de philosophia d'arte. Zola sabe bem d'isto; mas o seu mestre em critica, o seu modelo de analysta, não se quiz declarar inteiramente em favor d'elle... E' que entre o naturalismo de Taine e o de Zola vae toda a distancia que medeia entre uma concepção philosophica e scientifica da litteratura e d'arte, e o simples emprego de um methodo de observação, todo empyrico, fluctuante, sem norte, sem principios dirigentes a que no fundo se reduz a concepção capital do creador dos *Rougon-Macquart*, apezar dos grandes dotes que o exornam. Mais adiante voltarei sobre este ponto. Por agora continuemos a notar as ideias de Zola sobre a esphera e os fins da critica.

Diz elle que Sainte-Beuve—*comprehendeu a todo mundo, mas não comprehendeu a Balzac.*—E' verdade; o auctor de *Volupté* carregará na historia o pezo d'essa injustiça: elle desconheceu o creador da *Comedia-Humana* !...

Zola passará tambem á historia sobrecarregado com o pezo, não de um, mas de quatro desacertos de juizo: não comprehendeu completamente nem Taine, nem Sully-Prudhomme, nem Baudelaire, nem Leconte de Lisle.. «A critica, escreve elle, não tem mais a missão pedagogica de *corrigir*, de assinalar defeitos como nas lições de um discipulo, de sujar as obras primas com annotações de grammatico e de rhetorico. Ella deve contentar-se em explicar e traçar um processo verbal. Ella expõe e não *ensina.*» Perfeitamente; esta é uma parte da verdade expressa sem subterfugios. Ha apenas uma redução a fazer. A critica perdeu o seu velho habito de indicar erros grammaticaes, rhetoricos e outros. Estava reservado a um poeta nosso conhecido o spectaculo de pretender corrigir, refazer, deturpar, afeiar os versos de outro ! Nos tempos que correm só no Rio de Janeiro haveria um

simples que tentasse tão desfructavel empresa!... Si fosse em Pariz como não rir-se-hia do caso o malicioso Zola!

Ha, porem, entre a critica simplesmente *espectante* que nos prescreve o romancista, e o criticar *pedagogico* á antiga, um meio termo, que é a exacta expressão das funcções do analysta litterario e scientifico.

A simples observação d'um phenomeno intellectual complexo, como é um livro, a mera inquirição das condições de vida de um escriptor, de sua intuição, de suas tendencias mentaes, é de todo improductiva, si o critico é incapaz de prender esses factos ao desenvolvimento geral das ideias, si elle é incompetente para abstrahir e generalisar. A critica scientifica deve jogar com os methodos da sciencia; deve induzir e deduzir. Mas ninguem induz e deduz sem o conhecimento completo da ordem de phenomenos que sujeita á analyse. Ora, determinar o logar que deva na hierarchia dos factos intellectuaes de um povo occupar um escriptor, é traçar um juizo, é julgar a cathegoria de ideias que esse escriptor personifica, é designar o sentido e o alcance de sua contribuição para a obra commum das ideias. Si, portanto, corrigir não é mister da critica, seu alvo é julgar. Ella não deve perturbar a marcha regular dos talentos; mas não deve engolir todos os disparates que os mediocres de qualquer marca lhe queiram ministrar. Não deve sujar, é certo as *obras-primas*, porém corre-lhe a obrigação de não tomar qualquer charlatanice por uma obra-prima. Eis o ponto culminante da questão. Tomemos um exemplo no Brasil. Suponhamos que alguém, munido de bastante consciencia —, tenha estudado, os phenomenos intellectuaes d'este paiz em todo o seu desenvolvimento de quatro seculos; que tenha de

terminado o fluxo e refluxo das ideias nacionaes e estrangeiras provocadoras das diversas escolas e correntes mentaes d'este povo; que haja compulsado os documentos mais palpitantes em que a alma da nação esteja mais nitidamente vasada, e descoberto a lei ou leis dirigentes do vasto complexo de factos accumulados em quatrocentos annos; supponhamos tudo isto. Os phenomenos intellectuaes não brotam da terra; irrompem dos cerebros; ha homens representativos, que os encarnam e symbolisam, e esses homens devem ser julgados na medida de seus meritos.

O nosso critico encontra em seu percurso um Gregorio de Mattos, por exemplo, e um Britto de Lima, e, como incumbe-lhe apenas o dever de traçar um *processo verbal*, os dous bahianos entrarão para a historia em pé de igualdade, sem mais distincções, sem mais julgamento! Não pôde haver maior absurdo. O critico deve ter bastante sciencia e bastante coragem para distribuir os papeis e dar a palma a quem a merecer diante dos factos e da verdade provada. Por isso é que seu juizo é puramente objectivo; é uma conclusão da historia e da lucta das ideias. A critica se não pôde transformar na incampadora de erros. Taine é objectivista e não escondeu a verdade aos escriptores que lhe cahiram sob as vistas, e o proprio Zola não passa a mão sobre a cabeça dos romanticos, ainda os mais eminentes. Que o diga Victor Hugo. E aqui cumpre-me indicar o excessivo rigor do auctor do *Assomoir* exercido á conta de Leconte de Lisle, especialmente.

Não sou devoto d'este escriptor; mas creio que Zola não o comprehendeu de todo. Ha entre nós certa gente que se diz sectaria de Emilio Zola e ao mesmo tempo do poeta dos *Poémes Antiques*!... Não pôde haver maior falta de senso; são d'essas

uniões extravagantes e exdruxulas em que a sagacidade nacional apraz-se em debicar com o publico.

A's vezes ligam Zola a Comte e outras a Leconte de Lisle !... E' um jogo de antitheses, pondo a descoberto a mais profunda ignorancia. Nem sei como isto póde occorrer, quando o auctor de *Nana* é franco e rude para com o creador dos *Poémes Barbares*.

Ouçamol-o por extenso : «O sr. Leconte de Lisle, que tem hoje cincoenta e oito annos, nasceu na ilha de Bourbon. Estreiou tarde, depois dos trinta annos. Mas, desde as primeiras publicações, os *Poemas antigos* e os *Poemas barbaros*, excitou grande admiração na mocidade lettrada. Vinhalhe a força de ter achado uma attitude. Depois dos descabellamentos do romantismo, do frenesi do lyrismo em desespero, chegava elle proclamando a belleza superior *da immobildade*. Ser impassivel, não se deixar contaminar pela *paixão*, ficar no estado correcto e *puro d'um marmore*—tornou-se para elle o supemo ideal.

Professou que uma expressão qualquer do rosto, alegria ou dôr, lhe deforma as linhas de modo horroroso. E dahi rompeu com a idade-media e refugiou-se especialmente na Grecia e na India. Foi um odio ainda maior *ao mundo moderno*. Victor Hugo muitas vezes digna-se ficar entre nós, tomar as crianças em seus joelhos, descrever um canto de Paris. O sr. Leconte de Lisle *crer-se-hia deshonrado*, si tomasse interesse por qualquer dessas *actualidades*. Vive com Homero, ao qual traduziu restabelecendo a orthographia dos nomes gregos; é biblico, sabe a fundo os deuses indianos, acha-se á gosto nos cantos mais obscuros e sollemnes da historia do mundo. E, como é maravilhosamente dotado quanto á forma, escreveu ver-

sos que por certo possuem uma soberba apparencia.

Não temos em nossa lingua trechos mais irreprehensíveis, nem mais sonoros. Algumas peças, entre outras—*Meio-Dia*—são admiráveis de clareza e comprehensão. Apenas, o sr. Leconte de Lisle é muitas vezes *illegível* e direi adiante o mal que elle fez á nossa poesia. Não é mais, sêm duvida, o romantismo fulgurante e arrebatado de Victor-Hugo; é um romantismo *ainda mais perigoso*, desviando-se para a perfeição classica, tornando-se dogmatico, enregelando-se para impôr uma formula de belleza perfeita e eterna». (1)

Não é possível ridicularisar mais um forjador qualquer de versos sonoros, aereos, vazios, falsos, tomados de emprestimo ás gastas theogonias do cansado Oriente! E isto é dicto a Leconte de Lisle, que foi levado a um semelhante systema poetico por um motivo profundo... E o que diria Zola do *levantismo* charlatanescos, incongruente do nosso Luiz Delfino, por exemplo? O que diria elle d'aquella imitação sedicã, palavrosa, inchada, turbida do estylo de Victor Hugo, levado ao supremo exaggero logomachico, revestindo umas scenas do Oriente que o sr. Delfino não viajou, do Oriente que elle nem ao menos conhece como erudicto, porque sua ignorancia philosophica e historica é profunda? O que diria Zola? Por certo que o sr. Delfino tem apenas a *mechanica* inconsciente de versejar, repetindo-se eternamente, sempre a mesma mistura, o mesmo xarope de adjectivos campanudos e de disparates reaes.

Mas deixemos por agora o sr. Delfino, em quem fallamos por ser affectado de mania *levantina*, e tornemos a Leconte de Lisle.

(1) *Documents Litteraires*, pag. 171 e 172,

Este poeta não é certamente um genuino representante do espirito de nosso seculo. Collocado, porém, entre o romantismo e o naturalismo, é, como Baudelaire, um ponto de intersecção, que Zola devia comprehender mais amplamente. O romantismo, entrando em dissolução, teve um momento de especulação universal.

D'ahi os poemas cyclicos da historica, á guiza da *Legenda dos Seculos* e das poesias de Theophilo Braga—E' o humanicismo ainda vago; mas é elle em busca de uma formula nova. E' por isso que as origens, as theogonias, as lendas primitivas, os povos barbaros interessaram a Leconte de Lisle. E' ainda o romantismo; mas em via de transformação.

Zola não comprehendeu isto de modo claro; d'ahi a estreiteza de seu juizo sobre o auctor dos *Poemas Antigos*. Ouçamos o seu final sobre a influencia do poeta n'um certo grupo *parnasiano* de Paris: «Naturalmente esses jovens poetas constituam grupo a parte. Sentindo-se cercados pela indifferença e pelo debique deviam enclausurar-se no canto em que se reuniam, fechar as portas e as janellas, fazer da poesia uma verdadeira religião. As praticas idolatricas, as cegueiras de sectarios, as exagerações de fanaticos, iam deparar ahi um optimo terreno. A perseguição acarreta sempre a devoção sem limites. D'est'arte o movimento poetico iniciado trouxe todas as estreitezas d'uma capella fechada. Não era mais a bella evolução de 1830 expandindo-se em pleno ar, em meio d'uma epoca embriagada pela poesia; era uma conspiração de illuminados dando-se a conhecer por gestos maçonicos, por formulas extravagantes. Como os fakirs da India que absorvem-se na contemplação de seu umbigo, os Parnasianos passaram noites admirando-se mutuamente, tapando os olhos e os

ouvidos para não serem perturbados pelo *meio vivo* que os cercava.

Foi creado então um *novo romantismo*, ou melhor a cauda romantica estendeu um novo anel. Victor Hugo para o grosso do publico era ainda o chefe incontestavel. Mas os iniciados viam n'elle apenas um chefe honorario. Tinham adoptado o rito mais pomposo e mais correcto de Leconte de Lisle. Alguns eram devotos de Baudelaire. Reconheciam todos a *soberania da forma*, juravam banir as emoções humanas de suas obras, como attentatorias da *magistade dos versos*. Tinha-se a obrigação de ser esculptural, *sideral*, de pôr-se fora dos tempos e da historia, empregar o talento em buscar *as rimas abundantes* e em alinhar hemistichios tão duros e brilliantes como o diamante. Por isso iam os Parnasianos procurar assumptos nas epopéas mythologicas, nos paizes mais afastados e mais desconhecidos. Cada um teve uma especialidade. Alguns houve que habitaram os paizes do Norte, outros o Oriente, outros a Grecia; não poucos, em fim, *levantaram tenda entre as estrellas...*» Interrompo a citação; o flauteio é cada vez mais feroz e tremendo. Quem não vê que um grande numero dos nossos suppostos naturalistas não passa de uma descendencia bastarda, hybrida do grupo parnasiano de Paris?—E' essa a origem da *Mosca azul*, do *Trote de Camellos* e de outras gentilezas da epoca.

Faço votos para que nossa mocidade leia os livros criticos de Zola. Essa leitura acabará com innumeradas illusões que a atormentam. Ha paginas verdadeiramente soberbas espalhadas nos seis volumes de escriptos analyticos do illustre romancista. Entre outros, o artigo *de la moralité dans la littérature*—deve ser lido vinte vezes.

II

Emilio Zola diz, com acerto, que ninguem hoje lê as poesias e os romances de Sainte-Beuve ; mas que todos lêem as suas criticas.

E' exactissimo... Parece-me que alguma cousa de analogo, no sentido inverso, acontecerá ao bravo luctador de Médan. O futuro lêr-lhe-ha os romances, esquecendo-lhe os trabalhos criticos. Apesar de seu talento, a despeito da lucidez de sua visão, não é a faculdade critica que predomina em Zola.

Si as suas personagens de romance, como diz Véron, não deixam na memoria do leitor uma imagem vivaz e perduravel, por ficarem indecisas no meio das descripções e incidentes, as suas characteristics litterarias não conseguem pôr em relevo a figura animada e palpitante dos escriptores. N'este ponto nada mais instructivo do que o estudo consagrado a Flaubert pelo auctor de *Nana*.

(1) E' um verdadeiro fragmento de romance. A descripção do enterro do poeta de *Madame Bovary* é magistral; mas a physionomia intellectual e

(1) *Les Romanciers Naturalistes*, pag. 125.

litteraria do illustre morto mostra-se a nossos olhos ondulante e pallida. Zola não possúe a faculdade primaria dos grandes criticos, a faculdade de sorprehender a ideia central de um systema e a nota predominante de um caracter.

E' por isso que em discussão doutrinaria elle não possúe uma só pagina comparavel ás de Scherer sobre Lamennais, e, na pintura de um temperamento artistico, um só estudo que possa hombrar com o de Taine sobre Schakespeare.

Poeta e paysagista, espirito sobrio e desabusado ao mesmo tempo, o insigne escriptor affigura-se-me principalmente um grande satyrico munido de um poderoso estylo, um novelista vigoroso, destro na *enscenação*, agil, animado, capaz de descrever com graça as excentricidades de um Musset, por exemplo, mas pouco geitoso para aquilatar do alcance das doutrinas alheias. A sua critica é mais um *conto* do que uma analyse; é mais uma descripção do que um estudo; revela mais o novelista do que o psychologo. E note-se: não são os seus dotes de romancista levados para a critica que eu censuro; ao contrario são n'ella o mais apreciavel titulo.

Não é o methodo que lhe falta, é a profundeza e a instrucção. E' um agitador, um reaccionario, um combatente; não é um analysta imperturbavel e seguro. E' um chefe de bando, um guerrilheiro sempre na brecha; bate-se por uma formula e encara as cousas por um só prisma; não tem a serenidade de um naturalista. A cultura não é vasta. De resto, é ductil, é destro; tem largueza de vistas e sabe pensar por si. Quando se apega a uma ideia sabe defendel-a com habilidade e coragem.

Nada tem de charlatão; detesta os corrilhos litterarios e chasquêa da *Academia Franceza*. Si

fosse brasileiro, já nos teria feito rir á custa do *Instituto Historico...*

Quando se apega a uma ideia, disse eu, sabe pugnar por ella. E' assim que é uma de suas theorias favoritas o character neutral e abstento da litteratura, e do romance especialmente. Para Zola o romancista e o poeta descrevem, contam, photographam e nada mais; não devem ter uma these, uma opinião, uma doutrina a sustentar.

Sua formula litteraria praticamente visa um duplo fim: primeiramente banir do romance a imaginação turbulenta e doentia, desregrada e vagabunda, e expulsar tambem as *tiradas* moraes, as theses doutrinariias, a panthosophia lacrymejante e beatesca. Tudo isto é mais que excellente, e n'este sentido a exposição do escriptor é de uma clareza admiravel. Mas eil-o que não precisou bem o terreno e avança além do ponto desejado. O romancista para Zola é um observador. Perfeitamente. Mas ouçamol-o: «Ha duas classes de observadores, os que observam como sabios, e os que observam na qualidade de medicos. Aquelles sentem amor pela verdade; estudam o homem em suas proprias chagas, porque consideram prodigiosamente interessante a carcassa humana; a experiencia os tenta, a analyse é a sua unica e suprema alegria. Os outros, muito ao envez, têm a paixão de curar; si param diante de uma bella molestia moral, é sómente para inventar de prompto um remedio; em sua azafama, accoitam o primeiro diagnostico improvisado, e eil-os que se desnorteam em theses de toda a especie, prodigalizando prescripções e dietas, olvidando-se de seu assumpto no meio das ternuras pela medicina.»

(1) Eis o que não é novò e é em grande parte ver-

(1) *Documents Littéraires*, pag. 258.

dadeiro; mas eis tambem o que já por vezes tem poduzido exaggeradas extravagancias. Sim, o romancista deve ser um observador, qualidade esta que não deve privar-o de ter idéas, de ter desig-nios, de ter systema, de ter uma doutrina. Nem as duas cousas são incompativeis. A mesma sciencia, em toda a sua gravidade, em toda a sua apparencia sombria e inquebrantavel, seria uma cousa frivola, seria um luxo de ociosos, uma pedanteria de abstractos, si ella não podesse interessar, não podesse melhorar as sociedades humanas. O homem é um forçado que se liberta e sua arma de combate é a sciencia e é a litteratura. Estudar por estudar, observar por observar, reunir notas e notas sem outro fim que isto mesmo, é ó caminho certo da *arte pela arte* em litteratura, é um velho peccado romantico, é uma lepra que deve ser banidade nosso seculo de actividade. Estou com os criticistas contra Zola n'este ponto : —*a sciencia pela sciencia, a arte pela arte*—são dous delirios pedantocraticos, nocivos e despreziveis. E' bem certo que Zola não advoga francamente esse pensar ; mas é a consequencia que brota de sua doutrina para quem sabe ler entre as linhas.

Si é verdade que a affectação doutrinaria é um enorme defeito, si é verdade ainda que n'uma obra d'arte não devemos sempre visar um resultado pratico, si a *americanisação* do pensamento, no sentido de um fim utilitario, é um vicio, não é menos positivo que a arte pela arte é um sonho polucional de manicacos.

O observador, qualquer que elle seja, sabio ou romancista, deve ter uma philosophia, deve ter uma intuição do mundo e da humanidade capaz de dar um sentido ás suas pesquisas, capaz de fornecer-lhe um ideal de progresso e de libertação.

O observador, qualquer que elle seja, poeta ou naturalista, deve estar á igual distancia do empirismo chato e da idealidade idiota. Eis o grande segredo em litteratura. Eis o ponto de contacto de todos os idealismos e de todos os realismos. A doutrina zolaiana, tomada em seu todo, a concepção artistica d'este naturalismo, tomada em seu conjuncto, é algum tanto arida, não quando prega a observação, não quando busca a realidade; sim quando desconhece as grandes linhas da evolução humana. Na historia, na vida social não existe sómente o jogo da vida animal em acção; existem tambem todo o immenso trabalho da cultura, todas as forças vivas com que o *factor humano* pouda tirar da grosserira dos instinctos mecanicos, a arte, a sciencia, a poesia, o direito, a justiça e a moral. A natureza, a natureza!... Muito bem: é ella a grande fonte; mas uma fonte acre e despotica em seu mecanismo determinista e fatal. O homem tomou-a em suas mãos e a tem modificado por meio da sciencia, da industria, e cada uma d'estas creações é um organismo que evolúe por selecção artificial, ás vezes contra a natureza, bella dama, bella expressão metaphysica como outra qualquer... A arte é como o direito, é como a linguagem; nma vez constituida, caminha por si; parte da natureza; mas, si a reproduz, tambem por vezes a corrige. Si o melhor, o mais perfeito romance é o que representa *la bête lachée*, os melhores palacios são as *cavernas* das montanhas; os melhores circulos não são os sonhados por Euclides, são os que o vento traça nos como-ros desertos; as mais bellas estatuas não são as de Phidias, antes por ahi alguma pedra tosca que *naturalmente* semelhe a um homem. E' preciso que nos entendamos: eu tambem supponho ser naturalista, quero tambem a verdade dos factos, e

é justamente por isto que julgo estreita a formula de Zola.

Distingo entre naturalismo e naturalismo... A litteratura não é só producto da natureza, não tem por fim descrever as paysagens da terra, ou tirar photographias do mundo exterior. A litteratura é um producto humano, historico, social, evolutivo das nossas faculdades estheticas, e, com Buckle contra Zola, creio que na historia ao lado dos factores naturaes ha os factores *mentaes* "neutralisadores da natureza. Isto leva-me logicamente a encarar mais de perto a celebrada definição da arte por Zola: «Uma obra litteraria é um canto da natureza visto atravez de um temperamento.» Não é sómente sobre a concepção da critica e dos fins da litteratura que faço objecções ao auctor de *Nana*. Faço-lhe uma terceira sobre a sua concepção da litteratura mesma. Sua definição, que é exactissima para quem admite um elemento subjectivista em litteratura, é diametralmente opposta ás suas idéas capitaes.

Si o dever do romancista, por exemplo, é meramente «observar, fornecer simples estudos, sem peripecias, a analyse de uma existencia, notas tomadas sobre a vida e logicamente classificadas» toda e qualquer entrada de seu temperamento em seus productos é um falseamento da obra litteraria. O romance, sendo um simples processo verbal, sendo todo objectivo, analytico, o melhor typo do genero seria, na phrase de Taine, um auto criminal, o depoimento frio, impassivel de uma testemunha ocular. Este é o esqueleto do zolaismo; mas isto é absurdo. A alludida definição, porém, é um desses rasgos de bom senso e de *fino tacto* apparecidos nos momentos em que Zola se contradiz. E' quando elle dá ao seu realismo uma amplitude mais vasta, consorciando o homem e a na-

tureza, as conquistas da cultura e as imposições da materia.

Ao lado de um realismo puramente photographico e inerte, é possível um realismo fundado na intuição scientifica hodierna.

É impossivel esquecer o factor humano com suas conquistas historicas. «O direito, diz o meu amigo Tobias Barreto, que cito para encommendar os charlatães do Rio de Janeiro, o direito não é um presente do céu, nem uma creação da natureza ; é antes um producto *cultural* do homem». É o que se dá com a litteratura. Não ha uma arte, uma poesia, uma musica, uma estatuaria da natureza, como não ha um direito, ou uma religião natural... A personalidade deve apparecer nas obras litterarias, e a personalidade humana não é só modelada pelo mundo exterior, tambem o é pela evolução espiritual das epocas.

Zola tem razão, plenamente razão contra o naturalismo empirico e superficial quando escreve estas palavras, que os epigonos, os palhaços nacionaes do realismo bruto deviam decorar : «É uma cousa terrivel a verdade em litteratura. Os escriptores não possuem as certezas dos mathematicos. Quando se diz: *dous e dous são quatro*, fica-se convencido e vae-se dormir tranquillo. Nas lettras a duvida permanece eterna.

As escolas levantam-se em face umas das outras, lançando-se mutuamente seus systemas á cara. Os classicos, os romanticos, os realistas gritam juntos que o talento, a verdade, o estylo estão de seu lado e ha occasiões em que a gente não sabe quem tem razão. Em summa, a unica base possível é ainda a natureza ; podemos sem medo de errar tomal-a por medida commum. Comparar uma obra ao que existe, indagar si ella é fiel, si reproduz sem mentira a realidade, é uma

operação inicial e facil, que estabelece um ponto de partida, certo e positivo para todas as obras. *Mas isto não basta evidentemente ; poderíamos ser levados a exigir photographias, e a obra mais bella seria a mais exacta, conclusão falsa ás mais das vezes. E' necessario ahi introduzir o elemento humano, que alarga repentinamente o problema e torna-lhe as soluções tão variadas quantos são os craneos differentes na humanidade.* Eu defini uma vez uma obra litteraria : *um canto da natureza visto atravez de um temperamento.* Ficamos sempre longe da certeza mathematica ; temos, porém, ao menos um instrumento de critica, que póde prestar grandes serviços, impedindo-nos de perder-nos nas phantasias das preocupações systematicas.

Já tenho por vezes feito ensaios com este instrumento. Seu emprego é commodo. Quando temos diante uma obra, a primeira cousa a prescrutar, é qual a porção de realidade que ella contem; depois, sem julgal-a ainda, passar ao estudo do temperamento que poude produzir na obra os desvios da verdade que n'ella encontramos. E' indifferente a maior ou menor exactidão. Basta que o espectaculo do escriptor em lucta com a natureza mostre-se grande; a intensidade com que a vê, o modo potente porque a deforma para mettel-a em seu molde, o cunho que elle deixa sobre tudo o que toca, tal a verdadeira criação humana, a verdadeira assignatura do genio. Temos em França um grande poeta, Victor Hugo, que é sem duvida o mais falso e o mais largo espirito que existe. Dá tantos murros á natureza que ella sae de suas mãos collossal e corcunda com uma febre de vida miraculosa. O illustre pintor Delacroix via tambem a natureza debaixo de tres cores dominantes, o encarnado, o verde e o amarello, que faziam

tremular em seus quadros um esplendor mentiroso e extraordinario. *Quero indicar com estes exemplos que a realidade só não me seduz, que ligo a devida importancia ao esforço humano, áquillo que o homem ajunta á natureza para creal-a de novo, segundo leis de optica pessoaes.* E é esta continua variedade na interpretação da vida que produz a eterna seducção das obras imaginativas. As creações litterarias desenrolam-se de seculo em seculo, sempre novas com enflorações tanto mais originaes, quanto as sociedades se transformam mais profundamente». (1)

N'esta pagina, sensatamente admiravel, Zola foi superior a si proprio e ás interpretações coxas e trapentas que lhe fazem os seus plagiarios estonteados do Brasil, que não têm talento para comprehendel-o. Abstenho-me de citar exemplos, porque não quero macular estas paginas, citando os nomes dos cosinheiros da litteratura...

E' transparente que o notavel escriptor tem em theoria, que ás vezes esquece, a grande intuição da arte contemporanea. E, entretanto, a pagina que deixei transcripta não passa de uma reproducção mais ou menos exacta do capitulo 3.^o da 1.^a parte do livrinho de Taine—, *Philosophie de l'Art*, pag. 36 a 41. (2) O leitor poder-se-á informar alli de que *o homem que não se decide por ninguem*— é o mestre e o inspirador de Zola nas suas melhores paginas de crítica. O que deve, em todo caso, ficar assentado é que a definição de Zola, verdadeira como uma inspiração de Taine, exacta em face do realismo transformista e scientifico, é uma bella nota que destôa no meio do realismo empirico, secco, esteril, nullo dos máos escriptores, dos

(1) *Documents Littéraires*, pag. 263.

(2) *Philosophie de l'Art*, Paris, 1872. 2.^a edição.

macaqueadores sem criterio, sem cultura, e sem talento.

Especialmente no Brasil, onde não se estuda e menos ainda se pensa, não foram só os velhos classicos e os românticos que praticaram desparates, falseando systemas que raramente entenderam. Elles não tiveram o privilegio do erro, como finge crêr a boa rapaziada realista. Esta é cúmplice do mesmo crime, que eu denuncio; porque não a temo. Parece-me até que os dous velhos systemas, com serem mais facéis por dependérem quasi exclusivamente da imaginação, tiveram alguns representantes habéis entre nós. Ao passo que o naturalismo, especialmente na ramificação empirica, só tem contado até aqui, na poesia, no romance e no drama, uns paspalhões minimos de fazer dó. A gloria da invenção da doutrina não lhes pertence; é do estrangeiro; cabe-lhes apenas a gloriola da imitação e esta mesma tão desgeitosa, tão inhabil, tão mesquinha, que compunge. Não basta repetir de outiva que em Paris Zola está na ordem do dia; é mister comprehender as novas doutrinas e entrar n'ellas como um consocio e não como um simples caixeiro, um simples moço de recados. Francamente o confesso: — ainda, no Brasil, não encontrei na poesia, no theatro, no romance,—o Gonçalves Dias, o Penna, o Alencar do realismo á Zola. A decadencia é evidente. O desnorteamento, pela falta de estudo, é tão completo que os pretendidos directores da intelligencia brasileira no momento actual não possúem, ao menos, a noção clara das escolas e das individualidades litterarias do paiz. Levam a indigencia de criterio ao ponto de agarrarem pela gola os dous mais nitidos exemplares da romanticidade caduca, da vaporosidade martelante no Brasil, os srs.

Machado de Assis & Luiz Delfino e sacudil-os entre os *naturalistas*...

Ora, Machado & Delfino, dous *sobriquets* da cauda romantica, dous infelizes desclassificados, erguidos agora em realistas... é demais !

Para prevenir tão nocivo e escandaloso erro, incluirei no fim d'este rapido estudo duas ligeiras características d'estes escriptores de ordem terciaria, mesmo no Brasil. Antes d'isto definirci o naturalismo, como o determinei desde 1869.

A lei que rege a litteratura é a mesma que dirige a historia em geral: a evolução transformista. Ella habilita-nos a formular a synthese do universo e da humanidade, synthese que não é puramente objectiva, como quizeram sempre os empiristas de todos os tempos, nem exclusivamente subjectiva, como sempre declamaram os idealistas de todas as epochas. A synthese é complexa, bilateral, transformista em totalidade, não só dos elementos ideaes e abstractos, como dos naturaes e empiricos

Esta é a intuição actual da sciencia. A litteratura deve apoderar-se d'ella para ter a nota de seu tempo. Não cumpre ao poeta, ao romancista fazer sciencia. Seu estylo, seu methodo, seu designio são outros. O poeta deve da sciencia ter as conclusões e os fins para não escrever tolices. Não incumbelhe dar demonstrações ; cumprelhe fazer lyrismo amplo, sereno, sem phantasmagorias morbidas. O romancista e o dramata devem observar, não para formular theses, ou sentenças condemnatorias, sinão para comprehender o jogo das paixões, como psychologos e physiologistas. Seu papel não é o dos moralistas impertinentes, nem o dos anatomistas descriptivos. Seu papel é levantar uma obra d'arte sobre os dados da observação. Como o esculptor devem partir da natureza, mas

em suas obras ha de palpitar um largo ideal civilizador.

O progresso, as nobres expansões das qualidades humanas devem ser o seu alvo A litteratura faz pelo sentimento o que a sciencia faz pela razão :— liberta o homem e estimula-o a sonhar e trabalhar para um estado melhor; uma maior confiança em nossos designios, em nossas faculdades, em nosso futuro. Fóra d'ahi tudo pode ser muito bom, muito bem burilado, mas eu deixo de comprehender e commigo grande porção da humanidade.

III

A passagem de Emilio Zola para o sr. Machado de Assis é um d'estes saltos mortaes da intelligencia provocados pela lei dos contrastes. Depois de um talento, de um estylista, de um critico sincero, de um romancista de força, de um homem, avistar um meticuloso, um lamuriento, um burilador de phrases banaes, um homensinho sem crenças... é uma irrisão ! Mas é preciso romper o enfado que me causa essa tenia litteraria e despil-a á luz meridiana da critica. Esse pequêno representante do pensamento rhetorico e velho no Brasil é hoje o mais pernicioso enganador, que vae pervertendo a mocidade. Essa sereia matreira deve ser abandonada. O auctor de *Yayá Garcia*, frivolo e inoffensivo como é, é tanto mais para ser combatido, quanto pela dubiedade de seu character politico e litterario em nada pode ajudar a geração que se levanta e a quem insinúa-se por amigo. Não tendo, por circumstancias da juventude, uma educação scientifica indispensavel á quem quer occupar-se hoje com certas questões, e apparecendo

no mundo litterario ha cerca de vinte e cinco annos, o sr. Machado de Assis é um desses typos de transição, creaturas infelizes, pouco ajudadas pela natureza, entes problematicos, que não representam, que não pôdem representar um papel mais ou menos saliente no desenvolvimento intellectual de um povo. Quando elle appareceu já na Europa o romantismo entrava plenamente em dissolução e no Brasil o olhar exercitado podia bem distinguir os germens de decadencia que lhe rompiam no seio. O romantismo ja tinha produzido entre nós suas melhores obras na poesia, no romance e no drama. Magalhães, Porto-Alegre, Penna, G. Dias, Alvares de Azevedo, Macedo, Teixeira e Souza, Junqueira Freire para só fallar n'estes oito, haviam levado a effeito suas melhores producções e crêdo em torno de si uma multidão de epigonos. Alencar já tinha produzido seu *Guary*, rasgando novos horisontes ao romance nacional. O sr. Machado tinha, portanto, de occupar um logar secundario na cauda do romantismo, na phrase de Zola, a não ser elle uma intelligencia superior. E' o que não é, e por isso ficou justamente no logar que lhe competia.

Natureza eclectica e timida, sem o auxilio de uma preparação conveniente, entrou a ser um parasita, especie de commensal zoologico, vivendo á custa de uma combinação do classicismo e do romantismo. Não teve força bastante para romper com ambos, e foi sempre vacillante em seus commettimentos. Os auctores que deixei acima lembrados, quaesquer que sejam os seus defeitos, na evolução intellectual brasileira n'este seculo, representam os elos de uma cadeia. Cada um d'elles tem um sentido e uma physionomia propria. E o sr. Machado o que representa? E' um digno camarada de E. Taunay, e Luiz Delfino, sendo tal-

vez ainda menos significativo do que elles. O sr. Machado symbolisa hoje o nosso romantismo velho, cachetico, opilado, sem ideias, sem vistas... lantejoulado de pequeninas phrases, ensebadas fitas para effeito. Elle não tem um romance, não tem um volume de poesias que fizesse epoca, que assinalasse uma tendencia. E' um typo morto antes de tempo na orientação nacional.

As condições de sua educação, o meio falso em que ha vivido explicam o seu acanhamento. Poude illudir e illude ainda a alguns ignorantes pela palavrosidade de seus periodos ôcos, vasio, retortilhados e nada mais. Por duas vezes o inconsciente das cousas favoreceu-lhe o momento de tomar uma direcção fecunda, si para isso tivesse talento e habilitações; uma foi na lucta entre José de Alencar e José Castilho, outra nos ultimos annos diante das novas ideias inauguradas desde 1869 no paiz.

O que temos visto, porem? No primeiro momento aquelle homem dubio teve bastante habilidade, bastante geito para não tomar um partido no debate. Meio classico e meio romantico, precisando de ambos os luctadores, prendendo-se a um pela monomania do lusismo na lingua, e a outro pelos arremedos imaginativos, conservou-se o amigo e o imitador dos dous *inimigos!*. Isto é colocar a mão sobre a ferida intellectual do homem.

Agora vemol-o sem força para romper com o passado e seguir uma qualquer das novas tendencias... Sentindo o terreno fugir-lhe debaixo dos pés, prega o *opportunismo litterario*, faz-se de *grao-conselheiro*, elogia por calculo a velhos e moços, e, quanto ás ideias não segue nenhuma; porque não as comprehende. A prova é que em seus escriptos de todo o genero, é ainda um velho romantico desconcertado e banal. Vive a sonhar

com a *Mosca Azul*... E é um tal homem que se nos quer inculcar como um modelo !

Sem convicções politicas, litterarias, ou philosophicas, não é, nunca foi um luctador. Esse auxiliar de todos os ministerios, esse rabula de todas as ideias, é, quando muito, o conselheiro da commodidade lettrada. O que elle quer é representar o seu papel equivoco. O auctor de *Braz-Cubas*, bolorenta pamonha litteraria, assás o conhecemos por suas obras, e elle está julgado. Continúe a burilar phrases inuteis, a produzir suas *bombinhas da China*, mas tenha o cuidado de conter-se na vacuidade *embaumée* pelos elogios de seus comparsas inconsiderados.

Passemos ao sr. dr. Luiz Delfino.

Um primeiro signal caracteristico lhe descubro: —é um auctor sem obras !... Máo signal para quem quer influir como chefe e como mestre.

E' medico, é rico; faz versos por desenfado argentareo. Não se sabe ao certo si é d'aqui ou do *Levante*. Sua phantasia morbida e poltrona sonhou um pequeno mundo tirado das paginas dos viajantes enfastiantes: é o Oriente do sr. Delfino.

Estudemos um pouco essa physionomia litteraria. A primeira vez que ouvi-lhe o nome foi em 1870 no Recife; um rapaz estudante, filho da côrte, recitou-me uns versos do poeta. A bella voz, o gesto animado de meu companheiro chegaram a illudir-me sobre o merecimento do auctor das ainda incubadas *Levanticas*.

Notei-lhe uma certa *elevação de notas*. E' verdade que não deixei de observar que esse instrumento de voz aguda, especie de *requinta* de batalhão, desafinava ás vezes. Em todo caso, aquella impressão ficou-me, e só um estudo sobre as composições do poeta e o conhecimento de sua biographia, de seu meio, de suas predilecções,

acabaram por desfazer completamente a primitiva illusão.

Depois desta, só dez annos mais tarde é que pude ler os escriptos soltos do grande Lama do *Levantismo* e perceber visivelmente que elle não passa de um Leconte de Lisle de dous palmos de altura. O meu grande pezar é não ter em mão um livro do poeta para fartar-me de desparates e rir-me a bom rir do pedantismo fluminense. E' um escriptor sem livros !... Bello chefe, grande general sem batalhas !.. Sua posição é commoda ; mas seu merito como agente, como factor nas luctas nacionaes, é nenhum. Outra lacuna que lhe noto é esta:—elle nunca se decidiu, nunca tomou um partido em nossas luctas. Este signal é tambem caracteristico e eu chamo a attenção do leitor para elle.

Não posso precisar a idade do sr. dr. Luiz Delfino. Informam-me que nasceu em Santa-Catharina, que é homem de cerca de cincoenta annos, que formou-se ha mais de vinte em medicina, que começou pobre e fez grande fortuna pela clinica e por operações commerciaes. Hoje é mais capitalista do que medico; possúe bons predios e grandes estalagens. E' um homem farto. E' o caso unico de um poeta rico em todo o Brasil.

Ninguem conhece as suas opiniões scientificas, politicas, ou litterarias. Sabe-se apenas que tem publicado no decorrer dos ultimos vinte annos, e a largos intervallos, algumas poesias bombasticas pelos jornaes da côrte.

E' pouco, é muito pouco. Ter a cabeça erguida, querer intimidar os outros com chefias, e não ter escripto, discutido, luctado ; conservar-se como um incognito, e emquanto os outros batiam-se peito a peito, emquanto a sua geração que já vae passando, sustentava nos hombros os encargos

intellectuaes da patria, ficar ali para um canto, como um burguez, a enriquecer, é prova de grande tino pratico, é prova de uma grande força de vontade para libertar-se das necessidades da vida, mas não é prova de um temperamento litterario, de uma organização de poeta.

Nada seria si a sua fortuna lhe tivesse vindo pelas lettras, como a de Victor Hugo ou a de Zola, pôr exemplo. O sr. dr. Luiz Delfino será tudo ; mas não é, não foi jamais um factor intellectual no Brasil. Por este lado elle é nada diante de um Alvares de Azevedo, de um Varella, de um Gonçalves [Dias, de um Tobias Barreto, escriptor e poeta, valente luctador, que elle não está no caso de comprehender. Através do poeta, eu quero vêr o homem; quero ver o patriota, quero ver o espirito imbuído de uma ideia, tendo a seu cargo a defeza de uma causa.

Onde, em que tempo o sr. dr. Delfino ha combatido em prol de qualquer cousa ? Desafio-o a que m'o aponte. Elle não tem, pois, o direito de carregar o sobrôlho e olhar de soslaio para aquelles, que o não enchem no caminho. Sim; n'este paiz nos ultimos vinte annos, poetas e romancistas, criticos e jornalistas, medicos, legistas, engenheiros têm escripto folhetos, livros ; têm travado na imprensa cem batalhas. Em qual d'ellas foi visto o sr. dr. Luiz Delfino ? Como pensa elle em politica, em philosophia, em critica litteraria, em sciencia ? Qual é sua opinião sobre o indianismo, o nacionalismo litterario, a poesia popular, o romantismo, a reacção naturalista, a philosophia da arte, a historia litteraria do paiz ? O que pensa elle sobre todas estas questões que todo o poeta de hoje deve conhecer e responder com segurança e vistas proprias ? Nada, absolutamente nada. Vive a sonhar com o *Levante* por imitação

e porque elle é um desterrado no meio das nossas letras.

Não conhece o paiz e por isso nossos problemas não o tocam.

Vejamol-o em suas producções.

N'este ponto, seja minlia primeira affirmacão a seguinte: é um poeta palavroso, emphatico, desigual, incorrecto, obscuro e aspero. Não tem sentimento, não tem ideias, nem originalidade. E' o mais acabado exemplo que conheço da *mecanica versejadora* nos tempos modernos. E' um diletante que faz versos por luxo ; a poesia é para elle um traste de salão, ou um bom coupé para sahir á rua.

O estylo é bombastico e martelante ; é imitado de Victor Hugo deturpadamente. Não tem uma só peça lyrica, espontanea, singela e natural. Atordôa os ouvidos e o bom senso ; mas não commove. Não tem graça, nem delicadezas de expressão e sentimento. O fundo é mesquinho. Sua esthetica litteraria é a de um romantismo turbido, furioso. Si não tem delicadezas, si não tem o sentimento natural e simples, tambem não tem força. Amontôa palavras mal ligadas a mór parte das vezes e raramente produz cousa sensata.

Quando o verso lhe sae corrente é mais pelo habito, por uma adaptacão mecanica do que por ser sentido. Os seus versos novos publicados na *Gazetinha* mostram essa destreza do habito ; os mais antigos da *Revista Popular* são insupportaveis.

E' um espirito que tem pretencões á amplitude; mas é arido e desconnexo. E' o romantismo na phase esteril da nullidadé latente.

Tem um lexicon poetico escolhido a dêdo. As palavras : *sandalo, ebriez, ebrioso, lubrico, leão, colossal, enorme, curva e curvatura, ebriado, e*

outras apparecem obrigatoriamente em seus versos. Mecanisação da memoria...

Temperamento de burguez, educado litterariamente no tempo do romantismo palavroso, sem larga intuição, sem grande talento e sem instrução, o sr. dr. Luiz Delfino da arte só possúe as exterioridades. Alma placida e enfastiada, procura illudir-se a si e aos outros com o retintim das phrases.

Não existe um só pensamento, uma só tendencia na litteratura brasileira de que elle fosse o auctor.

Tem vivido de concessões. Julgando que o Brasil é o circulo de seus amigos, elle tem tambem o seu *Parnaso*. E' uma especie de *kiosque oriental*, onde faz de grande magico. Apresenta-se cercado de camellos, de dromedarios, de eunucos, de pachás e mais caterva do *Levante*. Incha as bochechas e deita pela bocca fóra umas cobrinhas de fogo de artificio, umas cobrinhas de Pharaó... A's vezes suppõe-se cercado de *sultanas*. Ferve a *ebriez* no *kiosque*; é o *Sol* que apparece,—*mostrando a cicatriz enorme do goso, e trajando largas vestiduras!!..*

Então surge todo o diluvio de palavras encaxadas para atordoar e enganar os espectadores. São as phrases cabalisticas..... «*O cravo, a myrrha, o áloes, a canella, o sandalo, a baunilha, azas de aroma, alegria do sol, o canto dos cheiros, do ceu a transparente umbella, a milagrosa estrella, escravos de albornosos e turbantes, palanquins d'oiro em dorso de elephantes, as servas, os thalamos reaes, larga fila de enormes dromedarios, cem eunuchos de alfanges legendarios... Passe;n e contrapassem invisivelmente, e levem-me sua senhora aos areas !..*»

Note bem o leitor: toda esta chiromancia, todo este funambulismo poetico é de um soneto só— *Marcha!* Não conheço em litteratura nenhuma cousa tão extravagante. *Marcha, Nascer do Sol, Trote de Camêlos, Capricho de Sardanapalo, Universo de Alin*, e todas as mais são hallucinações de um espirito desconcertado por uma pessima educação litteraria.

Dos poetas que pediram inspirações ao Oriente, Byron, Victor Hugo, Leconte de Lisle, Gothe, Ruckert, Bodenstedt, Leopold Schefer, Daumer, Stieglitz, e o conde Alexandre de Wurtemberg, de todos estes e outros, o sr. dr. Luiz Delfino é o mais pretençioso, inchado, falso, e radicalmente banal.

Não comprehendendo o vago, a serenidade, o pantheismo vivido e limpido da intuição oriental, attira para o verso sómente os trotes dos camêllos... Não tem uma só peça que de longe lembre: *Sara la baigneuse, Marche turque, Les adieux de l'hôtesse arabe*, de Victor Hugo; ou *Amru Ben Madikarb*, de Ruckert; ou *Des Knaben Traum*, de Heinrich Stieglitz; ou *Sadi und der Schah*, de Bodenstedt.

Especialmente a escola oriental de poesia na Allemanha é toda viçosa de doce lyrismo, e é toda inspirada na verdade. Aquelles poetas sabiam o que diziam. E' o que não acontece ao sr. dr. Delfino, que não conhece o Oriente, sinão através dos mãos romances....

As outras poesias das encantadas *Algas e Musgos*, as intimas, as *aspaçias*, as *marinhas* não são mais supportaveis do que as *levantinas*.

São palavrosas, não tem ideal; repisam velhas metaphoras de terceira mão, e não são melhores.

O sr.dr.Luiz Delfino charlatanea até nos titulos que lembram lettreiros e taboletas de armarinho :

O Leão Alado, Aspaçias, Come In, Trote de Camêlos, Longing, Admoestação do Mar, O Não da Historia, Farwell, A Cidade da Luz, Solemnia Verba, etc., etc. São titulos em latim, em inglez, em francez, e dizem que em tupi... Tudo, até os frontespicios, tudo indica a tentação do effeito, o esforço para offuscar e illudir.

São estas as linhas geraes de sua caracteristica litteraria. E é quanto basta para mostrar ao vivo toda a inanidade palavrosa do poeta das *Algas e Musgos*. Não se deve esperar de mim, que desça a um cotejamento de verso a verso. Seria uma ampla messe em que as provas do que deixo avançado encher-me-hiam as mãos. Não o farei por agora. Mais tarde, quando apparecer o livro, entregar-me-hei a esse trabalho enfadonho de dissecação. Ou mesmo um pouco antes, si o auctor provocar-me a isso. O melhor será que elle publique as suas producções de todos os tempos; então mostrar-se-á detalhadamente o que por hoje se affirma a largos traços.

Não posso, entretanto, deixar de dar uma amostra ao meu leitor da pantomima poetica do dr. Luiz. Seja por acaso o soneto—*Nascer do Sol*. Leiamos :

«Accorda, como emir voluptuoso,
Na calida ebriez de essencias puras :
E traz a enorme cicatriz do goso
O sol, trajando as largas vestiduras.»

E' a primeira quadra do soneto. O que temos ahi? Uma velha e myrrada personificação do grande astro, sua transformação n'um emir orgiaco, mettido em largas calças ou em colossaes ceroulas, si é que por aquellas bandas ha d'esses trajos... Mas, apesar de tudo, o pobre do sol mostra a enorme

ferida do goso!... Não é possível ir mais longe com os desparates...

«A' noite, que de esplendidas loucuras,
Beijando huris em raivas de amoroso :
E o divan—entre nitidas brancuras—
Guarda mal o segredo duvidoso.»

E' o segundo quarteto. Qual é o sentido d'isto ? Ha alli duas orações grammaticaes.

A primeira está suspensa; não tem verbo, a não ser o participio do presente—*beijando* .. Mas quem é que beija, ou está *beijando*? E' o sol? Parece que não; porque elle não apparece mais na quadra, e a pontuação da estrophe anterior a isso se oppõe. E' a *noite*? Tambem não ; porque ella não dorme com as *huris*; a noite é feminina. Mas *A' noite* ?! O que ha *á noite*? O que indica alli a preposição *a* contracta no artigo *a*? Aquelle *que* a quem se refere? Si, porém, toda a phrase é uma exclamação, a pontuação não está certa.

A segunda oração tem agente e verbo: *o divan guarda o segredo duvidoso*... Monstruoso *divan*, onde se acoitam o *sol* e umas quinhentas *huris* ; grande *segredo duvidoso* presenciado por tanta gente e até pelo poeta !...

Mas, a final, onde a poesia em tudo isto ? Não passa de uma orgia carnavalesca, uma parodia sediciosa da sublime scena do amanhecer. E é este o poeta naturalista?! E' soberbo. Vamos adiante :

«Vêem-se amarellos sandalos na cama,
Lençóes esparsos, véos da côr da chamma,
Laca vermelha, cintas e coraes;»

«Sandalias de esmeralda, ramalhetes,
Argolas d'oiro, fulvos braceletes,
E o acre rubor das carnes ideiaes !»

Apri! E' demais. Como poderia o pobre do sol dormir em cima de tanta traquinada? Pedacos de sandalo, lençoes, véos, laca vermelha, cintas, coraes, sandalias, ramalhetes, argolas, braceletes.., Ah! sr. dr. Delfino, vós sois prodigiosamente estrambolico ! E o *rubor acre* ? Isto fica lá para os olhos e para a lingua do sol. Vê bem o meu leitor que tenho razão quando affirmo que o homem não passa de um funambulo arrumador de palavras a esmo. E dizem que esta balburdia é ter um lexicon abundante... Charlatanice.

Temos ainda cousa peor. Não é só o Oriente que o poeta esbandalha. O grande magico salta da Palestina para os Alpes.

Eil-o que nos descreve uma noite lá no cimo da cordilheira, que elle nunca viu.—E' um soneto dos de pancaria que elle attira á *Gazetinha*, atraz de uma popularidade fallaciosa. E' uma *gravura*, lá no seu entender d'elle, e intitula-se—*Paiçagem nos Alpes* :

«E' noite. Invade a terra uma luz azinhavrada.
Agua larga, folheada em mica iriante, e em aço,
Vem de longe: após lambe os astragaes da arcada,
Que uma ponte romana ergue aos hombros no espaço.»

Que diabo de bruxaria é esta ? Já é noite e vem uma *luz azinhavrada*. Que especie de luz será? Vem tambem a *agua larga*, é com certeza a *agua*

larga, não é a estreita ; pois que só aquella é que nada *folheada em mica iriante* e ao mesmo tempo em *aço*... Quanto esforço inutil para pintar o espectáculo da noite sobre os montes ! Um poeta de talento em quatro versos simples diria mil vezes melhor do que o sr. dr. Luiz. O homem não tem o sentimento da paisagem e das scenas naturaes. Desequilibra-se e entra a personalisar desnecessariamente. Eis :

«Como a Ophelia no lago, a lua desmaiada
Tem um nimbo de luz de um scintilante baço :
Fica á prumo á corrente : a agua espuma entalada
No monte, que lhe entorna a sombra do espinhaço.»

Este ultimo verso é o que Zola chama *une chéville*; apparece sem razão de ser, por necessidade de arranjar uma rima para *baço*. Para isto o poeta forjou o *espinhaço* do monte, que se *entalou* com a agua, ou a agua com elle... A agua *entalar-se* é maravilhoso. Mas que ella sintasse *entalada* n'um valle, n'uma grota estreita, vá que seja ; sobre o *espinhaço de um monte*... só lembraria ao homem da *laca vermelha*.

Os dous tercetos acabam coxos e ericados de versos asperos, como espinhos de *caititú* :

«O corte é abrupto, vasto: os angulos cozidos
De rachitica relva, e o vento que murmura
Anda no pinheiral, vê-se aos ramos torcidos.»

«Sobre a ponte um chalet das rochas se pendura...
E ouve-se um grande cão enchendo o ar de ladridos
E um lobo a uivar, que surge á meio da espessura.»

Versos quasi todos errados e todos sem belleza. São versos em que os *cães* e os *lobos* andam de parceria... Por hoje bastam estes dous exemplos. Deixemos o poeta, e concluamos :

O sr. dr. Luiz Delfino ignora profundamente as correntes geraes do espirito contemporaneo. E' ainda hoje um velho romantico pantafaguão e esteril. Alheio á vida do paiz, que não conhece, têm se abandonado a umas scismas volantes de hystericas visões litterarias; nunca foi um luctador; não é um escriptor. Não tem obras; nunca influio no pensamento nacional. Não é conhecido nas provincias, si não vagamente. E' menos do que um *virtuose* litterario; é um enfastiado, que faz versos; é o mais acabado typo do volantim nas letras.

No meio de todos os que luctam, trabalham, esforçam-se por uma causa, em prol da patria, elle toma tambem de um instrumento.

Não é uma arma de combate; é um bandolim de cordas de arame em que o nosso medico, esquecido de tudo o que o rodeia, canta umas trovas tontas do Levante, para distrahir os caminheiros... E' um *gipsy* litterario. Deixemol-o de lado.

FIM

S. PAULO
Typographia da *Provincia*
1882



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).